



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

ANA PAULA VERAS CAMURÇA VIEIRA

PERCURSOS IMPREVISÍVEIS:

UM GESTO DE CRIAÇÃO COM O ESPAÇO URBANO

FORTALEZA

2018

ANA PAULA VERAS CAMURÇA VIEIRA

PERCURSOS IMPREVISÍVEIS:

UM GESTO DE CRIAÇÃO COM O ESPAÇO URBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Me. Yuri Firmeza.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V713p Vieira, Ana Paula Veras Camurça.
Percurso imprevisíveis : um gesto de criação com o espaço urbano / Ana Paula Veras Camurça Vieira. –
2018.
65 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e
Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Me. Yuri Firmeza.

1. cidade. 2. percurso. 3. experiência. 4. mapas. I. Título.

CDD 791.4

ANA PAULA VERAS CAMURÇA VIEIRA

PERCURSOS IMPREVISÍVEIS:

UM GESTO DE CRIAÇÃO COM O ESPAÇO URBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Cinema e Audiovisual.

Aprovado em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Yuri Firmeza (Orientador)

Universidade Federal do Ceará

Prof.^{ra} D.^{ra} Deisimer Gorczewski

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa

Universidade Federal do Ceará

Aos meus pais,

Ana Cléa e Paulo Dídimio,

por me ensinarem todos os dias

a não ter medo dos terrenos incertos.

AGRADEÇO

Ao Leo, porque viemos juntos até aqui. Obrigada pela companhia dos dias, pelo desejo de aventura, pelos os olhares que se encontram.

Aos meus irmãos, Paulo Filho e Ana Clara, pelo companheirismo. Por tê-los sempre por perto.

Ao Yuri, por me orientar, olhar no olho, rodopiar e fazer o mundo girar junto.

Aos demais professores do Curso de Cinema e Audiovisual, pelas constantes reinvenções e pelos saberes partilhados.

Ao Laboratório de Artes e Micropolíticas Urbanas (Lamur), pelos encontros, pelas leituras, pelas aventuras na cidade e pelos afetos alegres.

À Deisimer, por seguirmos conversando e inventando. Pelo olhar atento, pelo desejo de cidade e pela nossa amizade.

Ao Pablo, pela generosidade em sala de aula e por ter aceitado participar da banca.

Aos meus amigos Bia, Duda, Mateus, Matheus, Rafa, Yuri e Vic por terem “topado” inventar junto comigo uma cidade.

Com amor no coração

Preparamos a invasão

Cheios de felicidade

Entramos na cidade amada

[...]

Tudo ainda é tal e qual

E no entanto nada é igual

Nós cantamos de verdade

E é sempre outra cidade velha

(Caetano Veloso, "Os mais doces bárbaros", 1976)

RESUMO

Esse trabalho propõe uma reflexão em torno de alguns percursos traçados na cidade de Fortaleza, por meio de um gesto de criação com o espaço urbano. As ruas, os espaços públicos e os movimentos que compõem cada bairro são tomados como elementos do campo de investigação. Um dispositivo inventado faz algumas indicações que possibilitam a elaboração de *textos-trajetos* e a configuração de outros mapas para narrar uma cidade que se constitui ao nível do chão. Um caminho atravessado por percepções, fabulações e encontros inesperados dá lugar à dimensão da experiência.

Palavras-chave: Cidade. Percurso. Experiência. Mapas.

ABSTRACT

That work proposes a reflection around some routes drawn in the city of Fortaleza through a creation gesture with the urban space. The streets, the public spaces and the movements that compose the neighborhood are taken as investigation field. An invented device makes some indications that make possible the elaboration of *text-itineraries* and the configuration of other maps to narrate a city that is constituted at the level of the ground. A way crossed by perceptions, imagination and unexpected encounters to give place to the dimension of the experience.

Key words: City. Course. Experience. Maps.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa das sete regiões de Fortaleza.....	21
Figura 2 – Onde estão os cajueiros?.....	24
Figura 3 – Jurema e Jaraguá.....	25
Figura 4 – Antes, o hotel.....	27
Figura 5 – Agora, o tapume azul.....	27
Figura 6 – Depois, o Ivens Dias Branco Condominium.....	28
Figura 7 – Outra torre por vir.....	29
Figura 8 – São Carlos Condominium.....	29
Figura 9 – Uma farmácia em cada esquina.....	31
Figura 10 – Estátua Iracema Guardiã antes do restauro.....	32
Figura 11 – Um mapa que inventa o Meireles.....	35
Figura 12 – Casa da Normandia, um antes.....	37
Figura 13 – Casa da Normandia, um depois.....	37
Figura 14 – Casarão-das-janelas-tapadas-com-cimento.....	39
Figura 15 – Através da brecha do portão da Normandia.....	40
Figura 16 – Através da brecha entre os tijolos.....	41
Figura 17 – Revisitação da fachada em 2011	42
Figura 18 – Ruínas da Fábrica de Tecidos São José em 2012.....	43
Figura 19 – Centro Fashion Fortaleza.....	43
Figura 20 – A rua principal do cemitério.....	46
Figura 21 – Mazé.....	47

Figura 22 – Um mapa que inventa o Jacarecanga.....	49
Figura 23 – Busto de Moreira Campos.....	53
Figura 24 – Prédios em construção vistos da Av. Carapinima.....	55
Figura 25 – Prédios em construção vistos da Av. da Universidade.....	55
Figura 26 – Frame do vídeo 01.....	57
Figura 27 – Frame do vídeo 02.....	57
Figura 28 – Objetos apanhados no percurso.....	58
Figura 29 – Criação conjunta do mapa do bairro – 01.....	59
Figura 30 – Criação conjunta do mapa do bairro – 02.....	59
Figura 31 – Criação conjunta do mapa do bairro – 03.....	60
Figura 32 – Criação conjunta do mapa do bairro – 04.....	60
Figura 33 – Um mapa colaborativo que inventa o Benfica.....	61

SUMÁRIO

COMEÇO NENHUM.....	13
1 ALGO QUE DISPARA O MOVIMENTO.....	16
2 OUTRAS FORMAS DE SE AVENTURAR	17
3 UM MODO DE DIZER.....	18
4 PENSAMENTOS CONJUNTOS: A CIDADE E O DISPOSITIVO INVENTADO.....	20
4.1 Meireles.....	23
4.2 Jacarecanga.....	36
4.3 Benfica.....	50
5 PERCURSOS POR VIR.....	61
6 REFERÊNCIAS.....	64

COMEÇO NENHUM

1. Um grupo de pessoas encontra-se em um bairro de Fortaleza predefinido. O ponto de partida é decidido mediante consenso entre os participantes.
2. O destino do percurso de cada participante é indicado pelo *origami* abre-fecha-abre. No *origami*, na maioria das vezes, há a indicação de espaços públicos presentes em cada bairro.
3. O participante pode escolher o meio de se deslocar pelo bairro, mas recomenda-se que o percurso seja feito a pé.
4. Cada participante faz um lance de dados.
5. O número obtido no lance indicará para o participante a ação a ser realizada durante o percurso.
6. Ao final do percurso, os participantes criam, em conjunto, o mapa do bairro a partir da experiência.
7. O tempo de duração de cada partida é definido mediante consenso entre os participantes.

começo nenhum

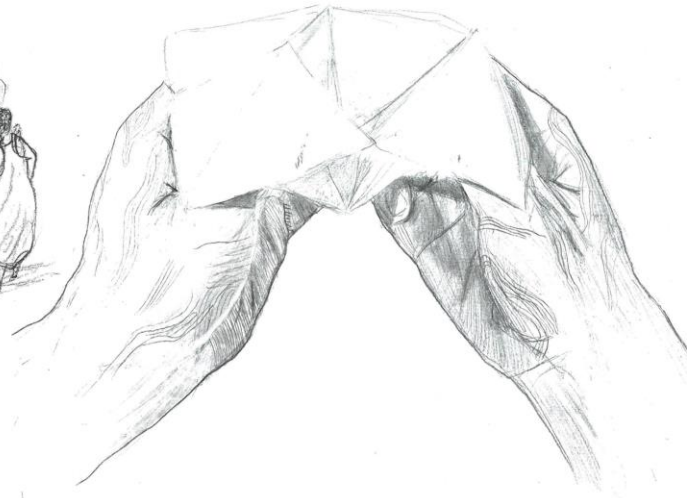
1. Um grupo de pessoas encontra-se num bairro de Fortaleza predefinido.

O ponto de partida e a duração do jogo são definidos mediante consenso entre os participantes



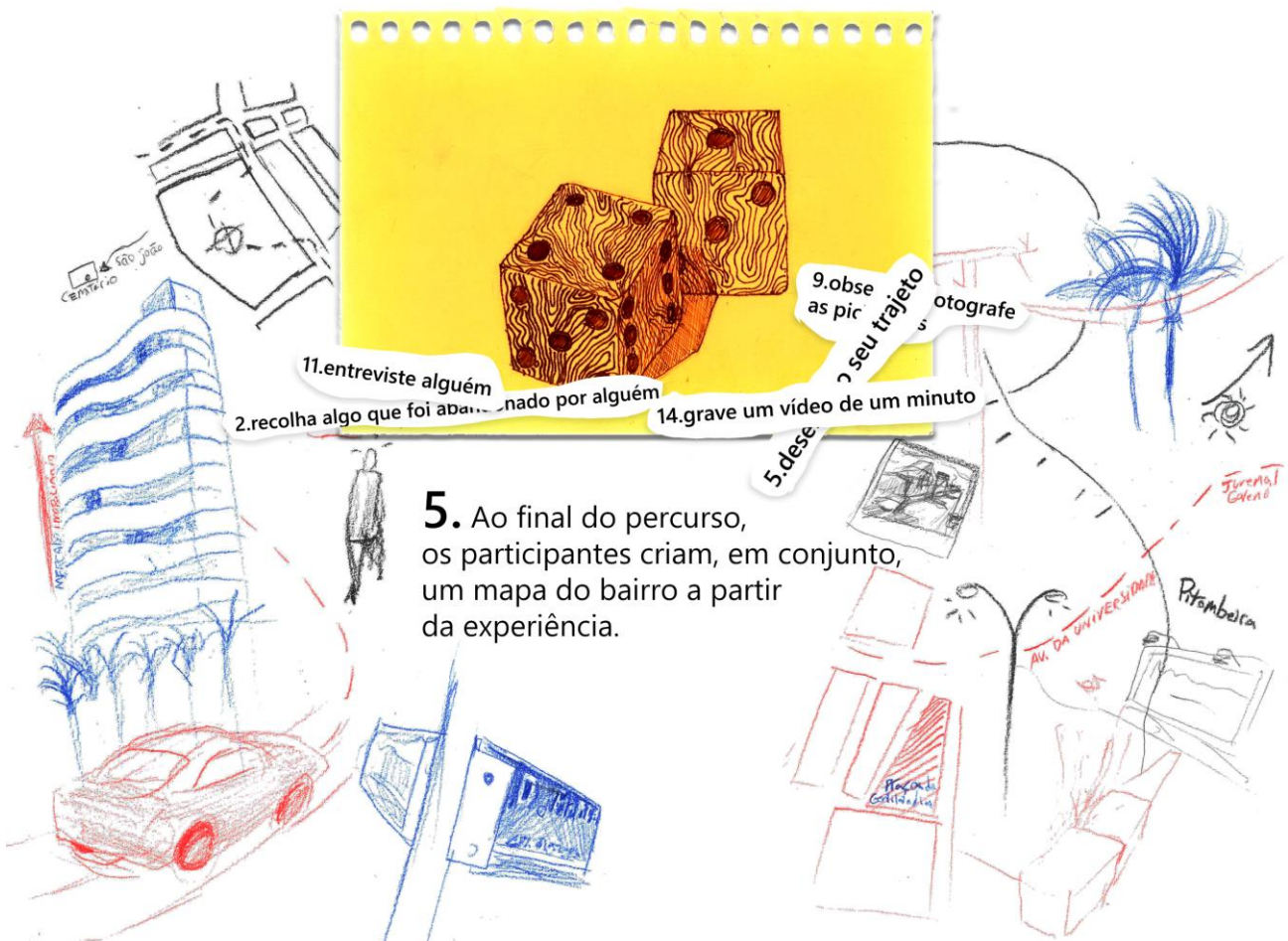
2. O destino do percurso de cada participante é indicado pelo *origami* abre-fecha-abre.

Na maioria das vezes, a indicação é um espaço público presente no bairro.



3. O participante pode escolher o meio de se deslocar pelo bairro, mas recomenda-se que o percurso seja feito a pé.

4. Cada participante faz um lance de dados. O número obtido indicará para o participante a ação a ser realizada durante o percurso.



5. Ao final do percurso, os participantes criam, em conjunto, um mapa do bairro a partir da experiência.

Lista de ações a serem realizadas durante o percurso:

1. Descreva ou grave o percurso sonoro
2. Recolha algo que foi abandonado por alguém
3. Descreva o caminho que você fez sem usar adjetivos
4. Fotografe os *outdoors*
5. Desenhe o seu trajeto
6. Escute com atenção a conversa dos outros
7. Descreva detalhadamente alguém que você viu
8. Observe e fotografe os terrenos baldios ou com prédio em construção
9. Observe e fotografe as pichações
10. Fotografe estátuas e bustos. Questione-se por que estão ali
11. Entreviste alguém
12. Investigue e relate o que já existiu no local de destino
13. Observe e relate as brechas. O que há para além das janelas, grades, portões e tapumes
14. Grave um vídeo, em plano fixo, de 1 minuto
15. Observe os nomes das ruas, dos bairros, dos viadutos: coronéis, desembargadores, prefeitos...

1 ALGO QUE DISPARA O MOVIMENTO

A intenção é, antes de tudo, propor um gesto de criação com o espaço urbano, por meio de uma forma mais lúdica na relação com o mesmo. Um modo de lançar o corpo na rua, que se relaciona com a percepção, vivência e construção de um espaço. Uma proposta com duração prevista e lugar específico, mas com sentido e desdobramentos próprios a cada vez que acontece.

Nesse contexto, percebo que o conjunto de indicações proposto por esse gesto conversa diretamente com as possibilidades de invenção presentes na noção de *dispositivo* tal como aponta Migliorin (2005, s/n): “o dispositivo pressupõe duas linhas complementares; uma de extremo controle, regras, limites, recortes, e outra de absoluta abertura, dependente da ação dos atores e de suas interconexões”. Uma forma de construção que sugere uma abertura para o acaso, ao ativar um modo de estar na cidade.

Embora Agamben (2009, p. 40) nos aponte que *dispositivo* é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”, o que interessa diante desse modo de fazer é pensar o *dispositivo* enquanto um meio capaz de inventar condições para a liberdade, criatividade, emoção e afeto.

O *dispositivo*, no caso, entendido menos como controle dos corpos, numa perspectiva negativa, e mais como cisão dos modos e regimes estabelecidos, como um espaço potente para conexões rizomáticas capazes de deslocar lugares, aproximar-se, afastar-se e possibilitar sensibilidades outras. Algo que desmonta as configurações instituídas e tenta se desprender das falsas oposições que enfraquecem nossa capacidade de sermos atravessados pelas forças que compõem o espaço urbano.

A criação desse *dispositivo* é também um modo de experimentação e narração da cidade de Fortaleza em contexto de espetacularização. Um desenho de ações no espaço como uma prática de microrresistência urbana, operando “como potente desestabilizador de algumas das partilhas hegemônicas do sensível e, sobretudo, das atuais configurações anestesiadas dos desejos” (JACQUES, 2012, p.11).

Um meio de desarmar as certezas abstratas e esquematizadas, deixando de lado aquilo que se acredita saber e poder sobre a cidade.

Diante das possibilidades de se pensar outros modos de agir e transitar, percebo a necessidade de se criar narrativas que afirmem a cidade como um “lugar do desejo, desequilíbrio permanente, sede da dissolução das normalidades e coações, momento do lúdico e do imprevisível” (LEFEBVRE, 2006, p. 79). Narrativas que resultem do movimento, de uma prática espacial que insiste em ir contra uma lógica pacificadora e segregatória.

Esse *dispositivo* criado é algo que se aproxima de uma espécie de jogo para ser jogado com a cidade. Cada “partida” exige a disposição do corpo em uma atividade que induz a olhar para o espaço urbano e reconfigurar alguns modos instituídos. Começo sozinha, e logo depois vou convidando alguns companheiros para atravessar, jogar, olhar, moldar, construir e expandir essa experiência e os desdobramentos possíveis.

2 OUTRAS FORMAS DE SE AVENTURAR

Experimentar, atravessar e perceber as relações menos óbvias que constituem a cidade, durante o percurso, são exercícios que têm o auxílio da prática da cartografia. Na busca por outros modos de ver e fazer que diferem das certezas já fixadas sobre o espaço urbano, embarco nessa aventura a fim de fazer falar as experiências, as conexões, as leituras, os desvios e os cruzamentos que vão sendo movimentados ao longo desse caminho.

O processo de produção implica a minha impossibilidade de transparência; transformo e sou transformada pelas “atmosferas, ritmos, velocidades e intensidades” (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 276) que se apresentam durante esse fazer. A cartografia, aqui, é explorada como um modo de acompanhar os afetos que se apresentam no decorrer do percurso, o que nos convida a escutar, observar, sentir, acolher, transitar e participar, como pressupostos básicos para problematizar a relação com a cidade.

De acordo com Rolnik (1989, p. 15), é preciso entender a cartografia não como uma reprodução de “mapas – representações de um todo estático –, mas como

um movimento que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem”. Uma investigação que vai se constituindo no plano da experiência, ao afirmar que os efeitos do pesquisar unem sujeito e objeto.

Trata-se de um método processual, criado em sintonia com o domínio igualmente processual que ele abarca. Nesse sentido, o método não fornece um modelo de investigação. Esta se faz através de pistas, estratégias e procedimentos concretos. A pista que nos ocupa é que a cartografia, enquanto método, sempre requer, para funcionar, procedimentos concretos em dispositivos (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 77).

O movimento e a interação com a cidade propostos com a criação do *dispositivo* constitui uma forma não somente de explorar as outras relações espaciais, mas também de escapar aos roteiros pré-programados que organizam o tempo, os movimentos e as pessoas. É um jeito de intervir com o corpo no espaço capaz de sensibilizar questões que movem um pensamento sobre a cidade a partir da experiência urbana.

Proponho-me, portanto, realizar um percurso que "implica também entrada de diversas coleções de objetos técnicos, de fluxos materiais e energéticos, de entidades incorporais, de idealidades estéticas etc." (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 319). O cruzamento de diferentes camadas de uma mesma cidade, com narrativas, teorias e conceitos que propõem desvios nos métodos mais engessados de pesquisa e procuram constituir um movimento próprio.

3 UM MODO DE DIZER

Apostar nos múltiplos sentidos da experiência significa também experimentar outras formas de dizer sobre o que nos acontece; é perceber a fabulação como uma maneira de representar e interpretar o mundo. Se “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (BONDÍA, 2002, p. 21), a ideia de narrativa está diretamente associada às ferramentas da cartografia.

Apesar de a cidade se constituir na condição mais desacolhedora possível, operada por um capital financeiro capaz de capturar diversas possibilidades de

movimentação no espaço urbano, escrever sobre os vestígios, marcas, modos e acontecimentos de um percurso possível representa uma pequena forma de resistência em uma época em que se fala tanto do empobrecimento da experiência.

Segundo Jacques (2012), Benjamin nos conta a respeito de dois tipos distintos de experiência: *Erlebnis*, que trata da vivência, do acontecimento, ou seja, uma experiência vivida e sensível, momentânea, efêmera, isolada e individual; e *Erfahrung*, que é a experiência maturada, sedimentada, assimilada, portanto, a experiência transmitida, partilhada, coletiva.

Gagnebin (1994, p. 66) complementa ao explicar que a palavra *erfahrung* “vem do radical *fahr-*, usado ainda no antigo alemão no seu sentido literal de percorrer, de atravessar uma região durante uma viagem”. Isto é, o exercício de narrar um percurso faz-se presente como possibilidade de compartilhamento da experiência.

É na escrita que se refere às temporalidades vivenciadas que é possível reinventar as memórias do caminho. Um modo de dizer absolutamente contaminado por uma subjetividade que é atravessada pelos elementos, conflitos, ações de resistência, acontecimentos e movimentos que constituem o espaço urbano.

Como Certeau (1994, p. 156), compreendo que a narração “não exprime uma prática. Não se contenta em dizer o movimento. Ela o faz. Pode-se, portanto, compreendê-la ao entrar na dança”; de modo que não se trata apenas da reprodução, mas da criação, da ampliação e da projeção de novos movimentos no espaço vinculados a uma esfera subjetiva.

Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. E esse título tem a ver com as práticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (“dobre à direita”, “siga à esquerda”), esboço de um relato cuja sequência é escrita pelos passos, até ao “noticiário” de cada dia (“Adivinhe quem eu encontrei na padaria?”), ao “jornal” televisionado (“Teherã: Khomeiny sempre mais isolado...”), aos contos isolados (as Gatas Borracheiras nas choupanas) e às histórias contadas (lembranças e romances de países estrangeiros ou de passados mais ou menos remotos). Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares-comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se

contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam. (CERTEAU, 1994, p. 200).

Portanto, narrar a experiência do percurso torna-se importante não só por pressupor a coexistência de diversas temporalidades e espacialidades, mas também por propor uma narrativa com desvios e desdobramentos do espaço que compreendem a complexidade da cidade. Uma possibilidade de implicação intensiva e de posicionamento em relação a si e ao mundo no plano da linguagem escrita.

4 PENSAMENTOS CONJUNTOS: A CIDADE E O DISPOSITIVO INVENTADO

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta Kublai Khan.

– A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra — responde Marco —, mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

– Por que falar em pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

– Sem pedras, o arco não existe.

(CALVINO, 1990, p. 84)

Fortaleza é a quinta maior cidade do país, seu território possui área total de 314,9 km², e sua população, de 2.609.716 habitantes (Censo 2017/IBGE), vive em 119 bairros, distribuídos em sete regiões administrativas. Além disso, são 34 quilômetros do litoral fortalezense que atraem muitos turistas de todo o país e do exterior o ano inteiro.

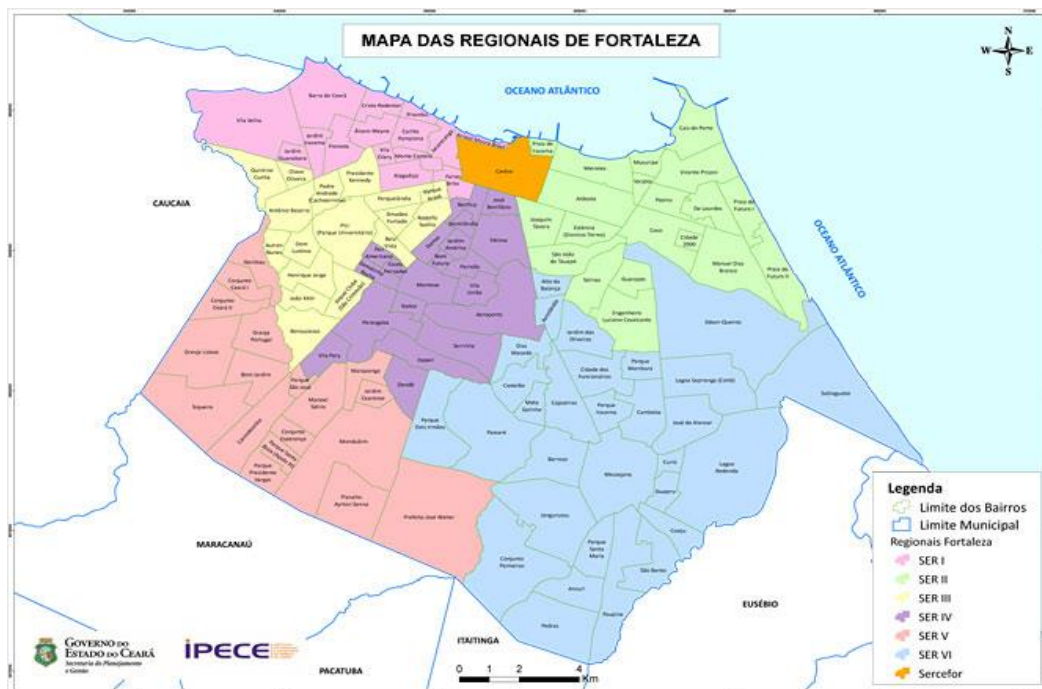


Figura 1 – Mapa das sete regiões de Fortaleza

Fonte: Ipece

Acontece que a cidade de Fortaleza apresentada através dos dados de um mapa estático não diz nada sobre o território sensível que a compõe e a vida de quem a habita. Nos 314,9 km² de seu território não existem apenas 119 localizações geográficas: são inúmeras Fortalezas de constelações inusitadas, pedaços fragilizados e infinitas direções possíveis.

Essas Fortalezas que escapam da exatidão dos mapas governamentais constituem-se em torno de uma experiência sensível. São lugares de insistência e de singularidades que se opõem ao espaço hegemônico da mercadoria. São as relações de vizinhança, os espaços comuns, as conversas e o andar na rua que constituem outros possíveis mapas inventados e reinventáveis .

Na experiência diária que se faz ao viver aqui, entendo a Fortaleza que eu habito como uma cidade litorânea repleta de falsas estratégias de apaziguamento. Aqui, a grande maioria dos projetos urbanos que são implementados vem acompanhada de um desejo de esconder as tensões inerentes ao espaço. São projetos

que, na maioria das vezes, almejam uma cidade asséptica, limpa, vigiada, controlada e ignoram qualquer tipo de participação popular.

A violência por aqui é um fator que também assusta. Tal Fortaleza é a segunda capital mais violenta do Brasil, de acordo com o mapa de violência de 2015. Nos primeiros meses de 2018, catorze pessoas morreram no Furrô do Gago, no bairro Cajazeiras, três ataques ocorreram no bairro Benfica, deixando sete mortos e outras sete pessoas feridas, e três mulheres foram torturadas, mortas e decapitadas na Região Metropolitana.

É frequente e diário o extermínio da população jovem, negra e pobre da periferia da cidade. O ano passado ficou marcado como o mais violento da história local, e muitos habitantes da cidade ainda insistem em tentar justificar os assassinatos alegando o possível envolvimento das vítimas com o tráfico de drogas e outros crimes. São as consequências da ineficiência de políticas públicas e da articulação do crime organizado que também constituem esta Fortaleza, já não tão fortificada.

Nesta mesma Fortaleza, eternamente agitada e inquieta, o desejo desenfreado pelo progresso faz-se muito presente, e consegue desconectar suas singularidades no tempo e no espaço. São inúmeros os episódios de demolição que atestam a indiferença não só com a preservação e a manutenção da história da cidade, mas com a população, num intenso processo de esquecimento incitado pela iniciativa privada.

Para mim, coabitar nesta Fortaleza exige um exercício de crença na experiência em situações mais inóspitas, confiança na potência dos encontros e na desmistificação diária das inquestionáveis narrativas históricas. Por vezes, as ruas desta cidade se apresentam carregadas de incômodos e diversos obstáculos para quem ousa percorrê-las; por isso, um desafio se constitui, ao se dedicar uma demora, uma escuta para construir subjetivamente um novo sentido das coisas.

Os caminhos incitados pelo *dispositivo* criado geram, para além dos mapas, o que vou chamar de textos-trajetos, uma escrita que convoca a mistura dos mais variados fluxos, do que desassossega. Um instrumento do pensamento conjunto com a

cidade, para dar forma às reflexões e aos estados que experienciei, e, assim, entendê-los melhor e produzir outros desdobramentos possíveis.

4.1. Meireles

Lugares do *origami* abre-fecha-abre:

- Campo do América
- Estátua Iracema Guardiã
- Feirinha da Beira-mar
- Jardim Japonês
- Mausoléu Castelo Branco
- Praça Dr. Antônio Prudente
- Praça Matias Beck
- Praça Portugal

Começo a testar as indicações do *dispositivo* pelo Meireles, onde moro. Com um largo calçadão que serve de cartão-postal para a cidade, o bairro é um polo turístico e possui uma grande quantidade de hotéis, restaurantes, condomínios, lojas e barracas de praia, mas nem sempre foi assim. Em 1930, o Meireles era uma orla simples, morada de pescadores; só por volta dos anos 1950 o bairro começou a receber as famílias que antes residiam no centro da cidade.

Na obra *Imagens do Ceará*, Lima (1958) relata lembranças de infância sobre o Meireles. No conto *Os cajueiros do Meireles*, ele nos diz que no velho sítio do arrabalde praieiro de Fortaleza, seu avô, José Lourenço de Castro e Silva, construiu uma casa por causa da seca de 1877; e vai descrevendo inúmeras imagens da memória, que não lembram em nada a configuração atual do bairro.

Entre a mata de jatobás e o cajueiral frondoso, a casa grande, e sempre, na sua sobriedade de construção, com as suas altas portas de duas folhas cor de abóbora, os seus janelões de pesados ferrolhos, o seu piso de tijolo vermelho, o seu alto teto de telha vã, que nos dias de chuva, deixava cair sobre nós, dentro das nossas redes, uma poeira d'água fria... (LIMA, 1958, p. 29).

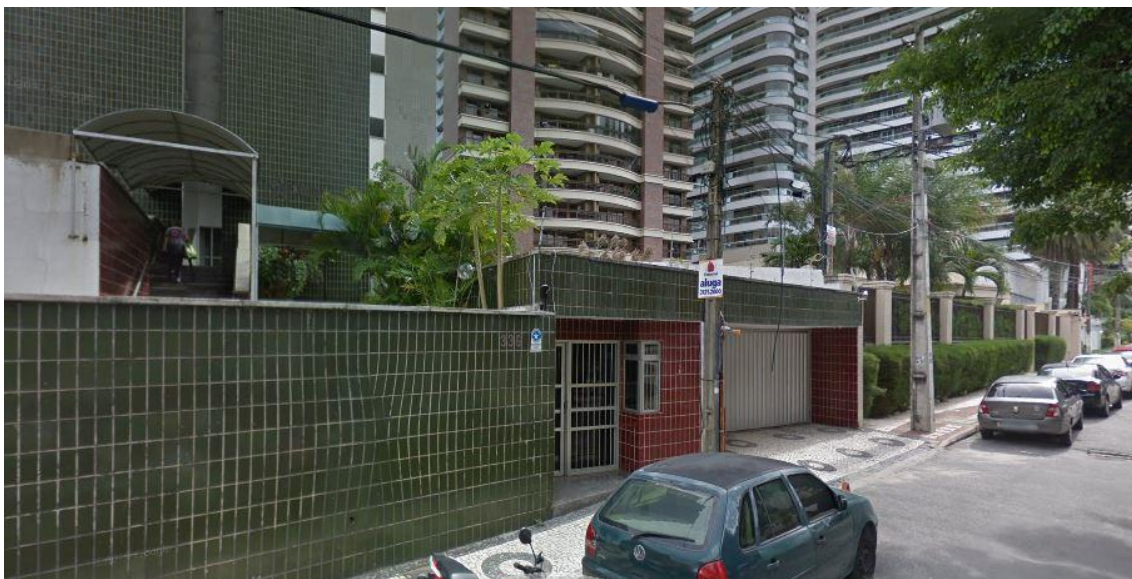


Figura 2 – Onde estão os cajueiros?

Fonte: Google Street View

A casa na Rua Antonele Bezerra, 336, já não faz mais parte do bairro, o que não me espanta, pois é comum escutar que Fortaleza não tem memória, que não preserva a história de seus bairros e, por conseguinte, a de seu povo. O que acontece é que o desenvolvimento da cidade se confunde com os diversos processos de esquecimento introduzidos pelos investimentos privados. Não se veem políticas de preservação em relação a nenhum tipo de memória; tudo pode ser destruído e construído a qualquer momento.

Morar no Meireles traz para mim a sensação não só de estar permanentemente sob o *slogan* do progresso, cercada de prédios, guaritas, construções e propagandas que anunciam problemas que estão presentes na cidade como um todo, mas também de habitar um entorno que usufrui de uma infraestrutura privilegiada em comparação com os outros bairros da cidade.

Ir até a estátua da Iracema guardiã fotografando todos os terrenos baldios e prédios em construção

O *dispositivo* começa propondo que eu siga até a estátua Iracema Guardiã, fotografando todos os terrenos baldios e prédios em construção. Início o percurso a pé, a partir da minha residência, e logo me deparo com um vão, o primeiro grande lote vago: o espaço onde já foram os edifícios Jurema e Jaraguá.

Jurema e Jaraguá tinham apenas três andares, janelas de madeira branca, varandas simpáticas com grade de ferro, pés de oiti plantados na entrada; eram dos poucos edifícios que ainda restavam no bairro sem portaria e sem segurança privada. Seus residentes eram idosos, em sua maioria.



Figura 3 – Jurema e Jaraguá

Fonte: Acervo pessoal

Sigo com os olhos atentos, caminhando em direção à Av. Beira-mar, o famoso cartão-postal da cidade, em busca de mais terrenos baldios ou prédios em construção. Já é fim de tarde, o fluxo de pessoas que caminham pelo calçadão é intenso; são turistas, vendedores ou praticantes de atividade física. O ato de caminhar

me parece aqui um convite para diversas possibilidades de escuta e experimentação com a cidade.

O segundo lote vago consiste no lugar onde ficava o antigo Hotel Esplanada, o primeiro cinco estrelas de Fortaleza. O prédio foi inaugurado em 1978, e na época era o edifício mais alto do bairro. Como ícone da arquitetura moderna, o hotel já anunciava um processo de verticalização da orla e o início do desenvolvimento da atividade turística e hoteleira na cidade.

Em 2004, o prédio foi vendido para um grupo empresarial português. No entanto, para modernizar o empreendimento, o grupo obteve um financiamento de valor muito alto junto ao Banco do Nordeste. O projeto nunca chegou a ser executado, pois o grupo não pagou as parcelas.

Dez anos depois, o edifício foi demolido, após ser adquirido pelo Grupo M. Dias Branco, que pretende construir no local um condomínio residencial:

Somente no final de 2017 devem começar as obras do condomínio a ser erguido no lugar do antigo Hotel Esplanada, na Beira-mar. Quando pronto, 40 andares, do total, 31 com apartamentos. Será quase todo ocupado pela família Dias Branco, que decidiu morar no mesmo prédio. (...) O projeto é de Carlos Ott, arquiteto uruguaio e radicado no Canadá. No portfólio, a Ópera da Bastilha (1989), em Paris; o National Bank de Dubai (1997); além de edifícios comerciais em São Paulo. (O Povo, Fortaleza, p. 15, 02 out. 2016)

Nesse contexto, as edificações com valor patrimonial viraram reféns do mercado imobiliário, e revelam uma cidade que parece não se importar com os desdobramentos de um processo de modernização que se estabelece deixando no seu rastro a destruição do passado.

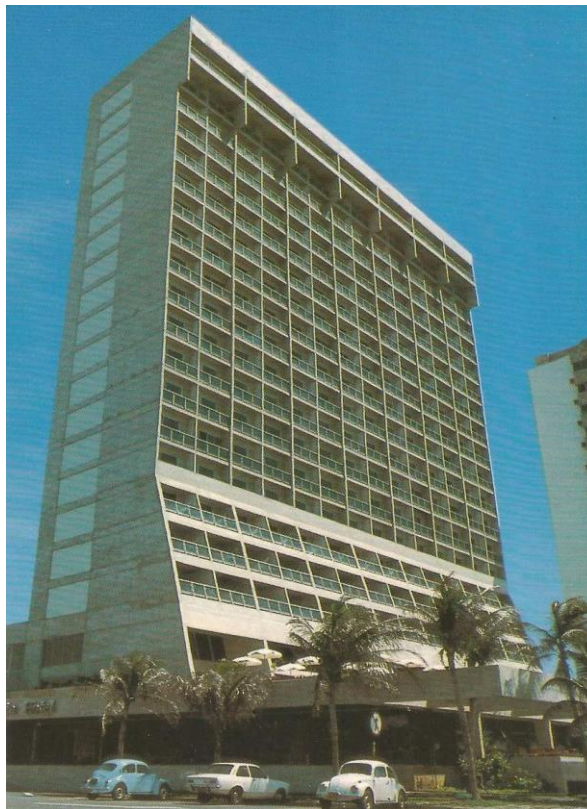


Figura 4 – Antes, o hotel

Fonte: Postal Fortaleza, CE – Esplanada Hotel

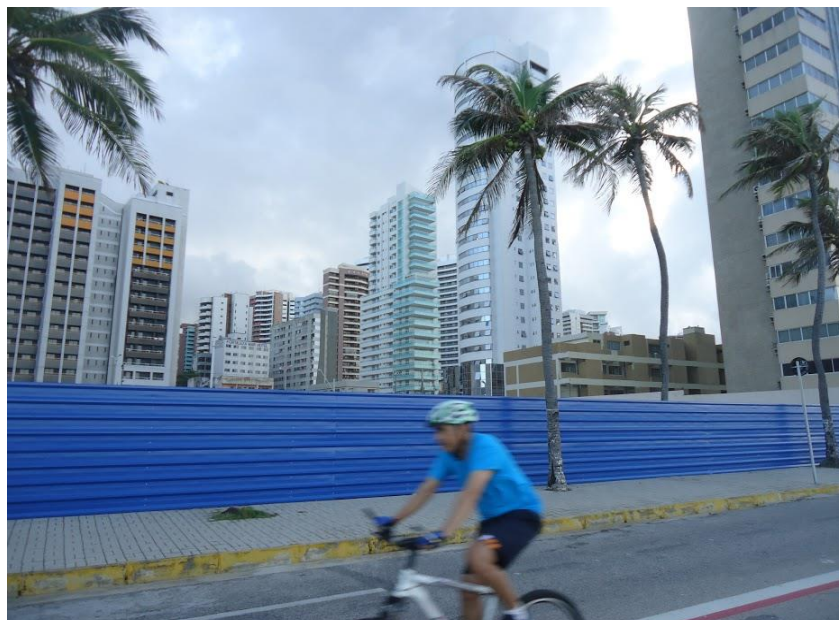


Figura 5 – Agora, o tapume azul

Fonte: Acervo pessoal



Figura 6 – Depois, o Ivens Dias Branco Condominium

Fonte: Divulgação (carlosott.com)

Percorro boa parte da orla, caminhando em direção à estátua Iracema Guardiã. O esgotamento de lotes disponíveis na região é gritante, e diz muito sobre os processos de fragmentação, verticalização e segregação urbana na cidade. São inúmeros os prédios que buscam alcançar um ideal de modernidade que parece pairar no céu.

Depois de caminhar mais um pouco, o terceiro lote que fotografo fica onde já foi um conjunto de edifícios, assim como o Jurema e o Jaraguá, e que dará espaço ao São Carlos Condominium. Três guindastes muito altos, o som da furadeira e o fluxo de homens fardados ao redor do tapume de aço azul anunciam que as obras já começaram.

O projeto inicial do condomínio foi modificado devido a mudança na Lei do Uso e Ocupação do Solo, e passará a ter 36 andares. A alteração da legislação consiste na permissão para construção de prédios mais elevados e com maior território em

determinadas zonas, mudanças em relação à proteção do patrimônio histórico e do ambiente natural, e não inclui avanços em relação às Zonas Especiais de Interesse Social.



Figura 7 – Outra torre por vir

Fonte: Acervo pessoal



Figura 8 – São Carlos Condominium

Fonte: Flickr @andrecarneirof

Dessa forma, a lei proporciona grandes benefícios ao capital imobiliário. Aqui nesta cidade, assim como em outras capitais do país, as grandes construtoras conseguem definir o plano diretor e políticas públicas de acordo com os seus interesses e excluir a maioria dos cidadãos do usufruto dessas políticas e espaços. Isso acontece porque essas mesmas empreiteiras, que costumam ditar as regras formais e informais na configuração espacial da cidade, financiam as campanhas eleitorais.

Uma matéria publicada no jornal O Povo de 20 de novembro de 2014 informa que o então candidato a governador do Ceará Eunício Oliveira (PMDB) teve a campanha eleitoral financiada por sete construtoras, com um total de R\$ 7 milhões. A maior doadora foi a Construtora OAS, com R\$ 2 milhões, seguida da Construtora Camargo Correa, com R\$ 1,5 milhão. As demais financiadoras: Andrade Gutierrez, Galvão Engenharia, Marquise, Norbert Odebrecht e Queiroz Galvão.

A campanha eleitoral do atual prefeito Roberto Cláudio (PSB) também recebeu o apoio financeiro de sete construtoras: Andrade Mendonça, Cameron, Luiz Costa, Maciel Construções, Marte, Mota Machado, Recon Reparos e Construções e Samaria.

Sigo caminhando. Falta pouco para chegar à estátua Iracema Guardiã. O último espaço que fotografo durante o percurso é um terreno defronte ao monumento, onde já foi o tradicional restaurante de frutos do mar Tia Nair. Em breve, o local vai virar mais uma loja da rede Pague Menos, fruto da proliferação repentina de farmácias na cidade, que ninguém sabe explicar ao certo como se deu.



Figura 9 – Uma farmácia em cada esquina

Fonte: Acervo pessoal

De acordo com o Conselho Regional de Farmácia no Ceará, Fortaleza possui 818 farmácias e drogarias. Uma farmácia para cada grupo de 3,2 mil habitantes, proporção semelhante à de São Paulo capital, mesmo sendo uma cidade muito menor. Se por um lado a rede Pague Menos vai inaugurar este ano a milésima loja no Brasil, com uma megaestrutura na Av. Santos Dumont, por outro, a sua concorrente Extrafarma abriu em Fortaleza 19 farmácias em um mês. Sem falar nas redes de farmácias nacionais que chegaram, como a Drogasil.

Finalmente, chego até a estátua Iracema Guardiã, uma escultura de bronze de uma índia em posição de batalha, segurando um arco em defesa da terra e voltada para o mar, originalmente concebida e confeccionada pelo artista plástico Zenon Barreto. Um dos principais símbolos da cidade, que, em meio a diversas intervenções, estabelece uma “relação não apenas perceptiva mas também efabuladora, que mistura os tempos presente e passado, as histórias individuais às coletivas” (FREIRE, 1997, p. 55).

Em 2012, a estátua passou por um processo de restauração, que afetou diretamente a identidade original da obra, gerando desconforto em alguns fortalezenses. A estátua foi refeita, recebendo uma pintura de cobre mais polida, seios e glúteos mais acentuados e uma mudança gritante na curvatura. A repercussão negativa se deu pela superficialidade, que eliminou as intenções originais do artista. Assim como o que vem acontecendo com os prédios históricos da cidade, esse processo de “restauração” evidencia mais uma vez o desejo pelo novo e o descaso com o passado, com o patrimônio histórico.

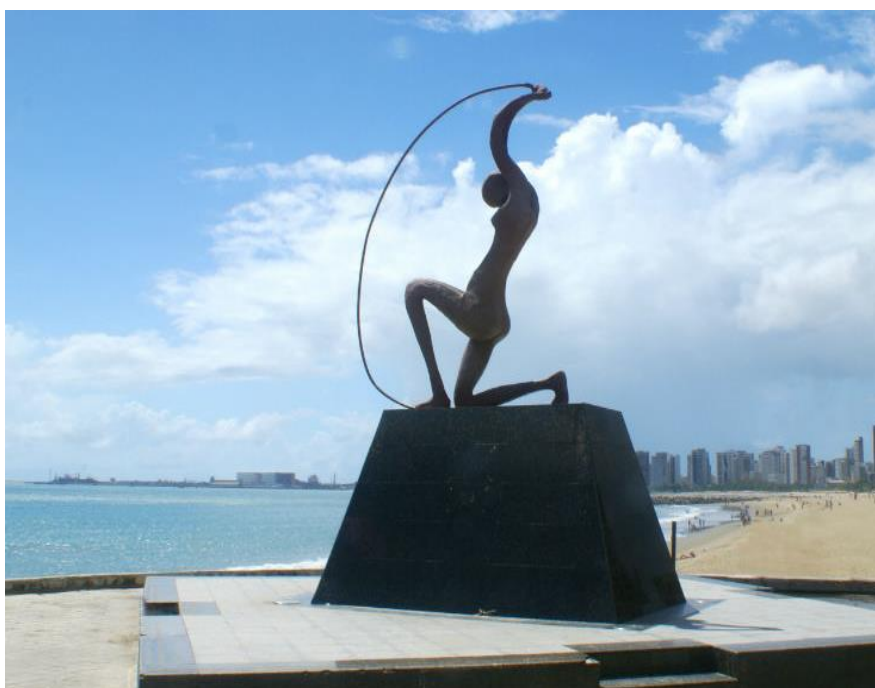


Figura 10 – Estátua Iracema Guardiã antes do restauro

Fonte: Acervo pessoal

Ir até a praça do Náutico e escutar a conversa dos outros

O espaço público popularmente conhecido como Praça do Náutico fica bem próximo à minha residência. É domingo de manhã, quando vou até lá. A praça fica localizada na bifurcação entre duas grandes avenidas do bairro e em frente ao Náutico Atlético Cearense, o mais tradicional clube da cidade, que está com os dias contados desde que foi rejeitado o processo de tombamento em nível estadual.

O nome oficial da praça foi recentemente modificado para Praça Dr. Moreira de Sousa, em homenagem a um dos fundadores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Passou muitos anos com a denominação Praça Matias Beck, como mais uma das inúmeras honrarias que a cidade concede aos tempos de Colônia.

Chegando à praça, sento perto do parquinho. É muito cedo, a banca de jornal nem sequer abriu, poucas pessoas transitam por ali. Uma senhora organiza o carrinho de tapioca embaixo da árvore e próximo a uma van que sempre está ali. Calmamente, ela vai dispondo alguns banquinhos ao redor do carrinho de tapioca. Outra senhora se aproxima, pede um café com tapioca, e ela começa a contar para a outra sobre a briga que teve com a filha por causa de dinheiro. Já não consigo escutar direito. Estou longe, e não sei como me aproximar.

Ir até a praça Portugal e descrever alguém que você viu

Segundo os mapas oficiais da cidade, a Praça Portugal fica exatamente no limiar entre os bairros Meireles e Aldeota. Não costumo ver pessoas frequentando a praça diariamente, mas o ir e vir dos carros é intenso. No centro da praça, é possível observar um monumento que consiste num arco com uma esfera armilar pendurada, que representa um instrumento de navegação, e, logo abaixo, o recém-colocado busto de Ivens Dias Branco, que foi um dos empresários mais ricos do Ceará.

Da Praça Dr. Moreira de Sousa até a Praça Portugal são apenas cinco quarteirões, e ambas são intencionalmente dotadas de sentido político, ao servirem de espaço para se homenagear figuras associadas ao poder. O busto de Ivens Dias Branco recria a Praça Portugal ao contar uma história única e oficial articulada pela elite local. Quem a cidade homenageia constitui um imaginário social, uma articulação de circunstâncias políticas do momento e aspirações futuras.

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode

evocar o passado, perpetuar a recordação (LE GOFF, 1996, p. 535).

Que tipo de cidade estamos querendo recordar? Quais as escolhas simbólicas traduzidas em monumentos que realmente constituem a identidade fortalezense? Talvez desnaturalizar a presença de certos monumentos na cidade seja um passo importante para pensar e contextualizar o que realmente está sendo celebrado.

Ao chegar à Praça Portugal, algumas memórias retornam, como os inúmeros jovens vestidos de preto, os chamados *emos*, que ocupavam o logradouro e me despertavam enorme curiosidade enquanto criança no início dos anos 2000, ou como as fotografias que minha mãe costumava tirar da Árvore de Natal que ficava no centro da praça no fim de cada ano.

No entanto, hoje, ao passar pela praça, é impossível também não lembrar que ela serve de cenário para manifestações que inflam bonecos gigantes de políticos como o deputado Bolsonaro ou o ex-presidente Lula vestido como presidiário, e que recentemente ela recebeu manifestantes que dançavam em sincronia vestidos de verde e amarelo.

Ao chegar ao logradouro, sento em uma das quatro “mini-praças” que rodeiam o círculo que é a Praça Portugal, para observar um menino que aparenta ter seis anos de idade, de cabelos cacheados, loiros e assanhados. Ele usa uma blusa de super-homem sob uma capa vermelha, *short* preto e tênis. Tem a pele muito branca. É muito sorridente, e brinca sozinho no parquinho próximo. Primeiro a gangorra, depois o balanço, e em seguida o escorregador. Depois, tudo de novo. Ele mal olha para o adulto que está ali próximo segurando sua lancheira.

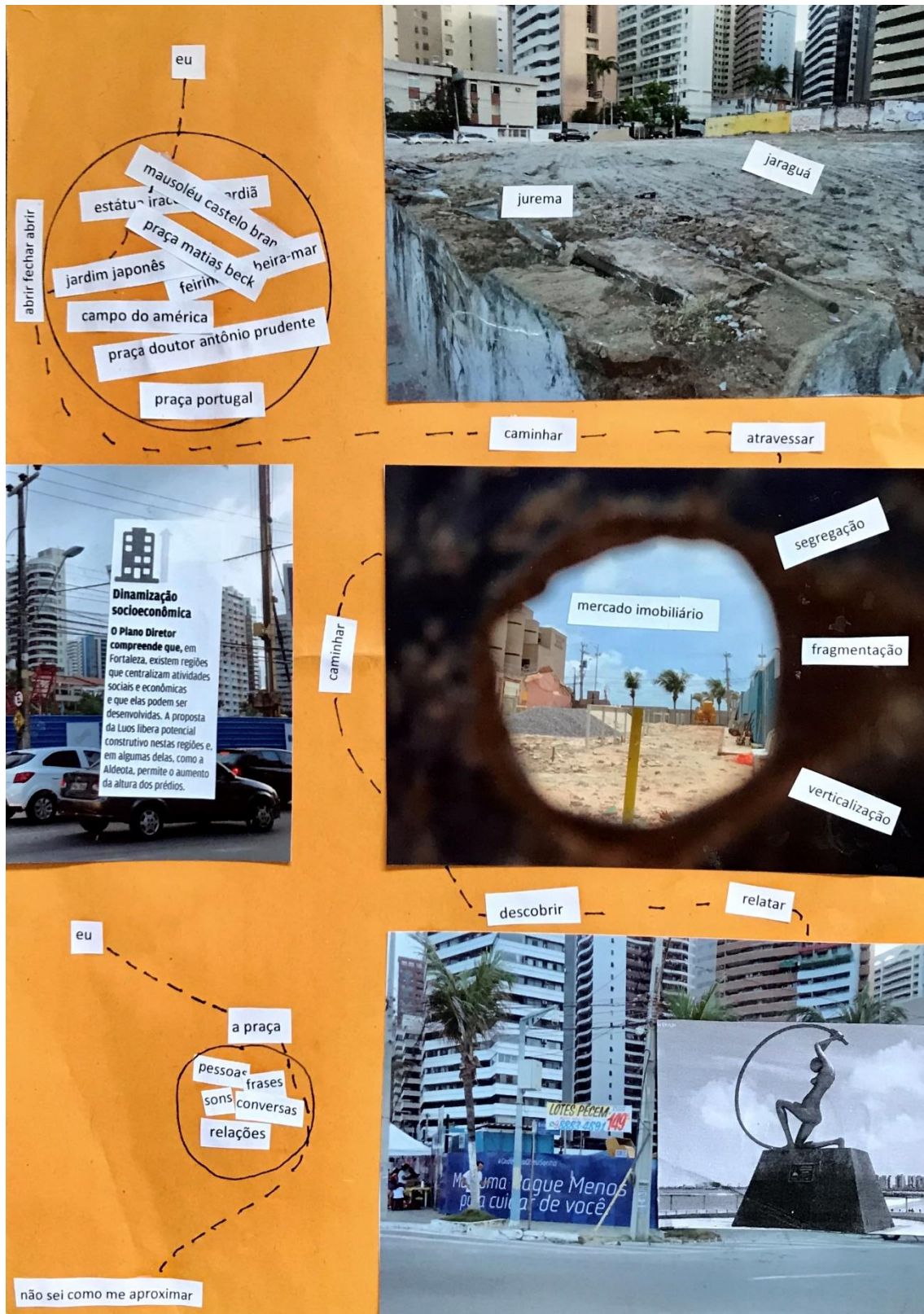


Figura 11 – Um mapa que inventa o Meireles

Fonte: Acervo pessoal

4.2 Jacarecanga

Lugares do *origami* abre-fecha-abre:

- Casa da Normandia
- Cemitério São João Batista
- Escola de Artes e Ofícios
- Fabrica de redes São José
- Liceu do Ceará
- Praça Gustavo Barroso
- Riacho Jacarecanga
- Vila São José

O segundo bairro escolhido, o Jacarecanga, durante alguns anos foi um lugar de passagem para mim. Desde criança, durante o deslocamento até a casa da minha avó no bairro Monte Castelo, passava por lá e me deparava com uma enorme curiosidade ao observar os grandes casarões que já se misturavam com prédios de apartamentos, lojas de roupas e mercadinhos. Um claro vestígio da história da cidade que se entrelaça com diversas camadas do tempo e com a especulação imobiliária.

Inúmeras contradições acompanham a história desse bairro. Jacarecanga já foi território de genocídio indígena, repositório de cadáveres vitimados pela varíola, zona industrial, operária e espaço residencial para a elite cearense, com a construção de chácaras e bangalôs que tentavam redesenhar o espaço de acordo com os padrões de estrutura arquitetônica europeia do começo do século XX.

Foi nos anos 1940 que o desejo de abandonar o tumulto dos centros comerciais fez com que as tradicionais famílias fortalezenses, os barões, ministros, grandes fazendeiros e aristocratas da cidade comessem a se deslocar para Jacarecanga, e o bairro foi se urbanizando. Antes disso, o local era tido apenas como lugar de veraneio, pelo fato de ser sombreado e ficar próximo do mar e do riacho Jacarecanga.

No entanto, logo que as fábricas instalaram-se no bairro, as famílias nobres mudaram-se para o leste da cidade. Hoje, os casarões de Jacarecanga, em sua grande maioria, se encontram fechados, abandonados, transformados em repartições públicas, modificados, ou deram espaço para novos empreendimentos. São poucos os que ainda continuam servindo de moradia.

Ir até a Casa da Normandia e descrever o caminho sem usar adjetivos.



Figura 12 – Casa da Normandia, um antes

Fonte:jacarecanga.wordpress.com



Figura 13 – Casa da Normandia, um depois

Fonte:jacarecanga.wordpress.com

Fortaleza. Jacarecanga. Dia. Caminhar. Ritmo. Praça. Asfalto. Pedestre. Estátua. Pixação. Árvores. Postes. Trago a pessoa. Fios. Eletricidade. Quadra. Trave. Grade. Arquibancada. Prédio. Carro. Guarita. Edifício Carajás, 80. Vizinhança. Observar. Rua. Sarjeta. Quarteirão. Ônibus. Carro. Mãe e filho. Banca. Revista. Cigarro. Motos. Mulheres. Conversa. Marido. Cruzamento. Desvio. Anúncio. Lotes. Vender, comprar, alugar. Esquina: tapioca, café, cuscuz. Dinheiro. Estacionamento. Proibição. Bicicleta. Trabalho. Cadeira. Mesa. Menino. Farda. Sol. Construção. Brecha. Muro. Concreto. Cimento. Matéria. Guindaste. Imóvel. Propriedade. Investimento. Terreno. História. Crescimento. Vertical. Pixação mais uma, duas, três vezes. Calor. Flores. Cachorro. Casa. Abandono. Ruína. Telhado. Tijolo. Janela. Portão. Tempo. Desgaste. Memória. Cidade.

Ir até o local da antiga Fábrica São José e observar e relatar as brechas. O que chama a atenção para além das janelas, grades, portões e tapumes...

Decido que o ponto de partida dos percursos é a Praça Gustavo Barroso, localizada na parte mais central do bairro Jacarecanga. Poucos a conhecem pelo nome; todos a chamam de Praça do Liceu, por ser localizada ao lado do Colégio Estadual Liceu do Ceará. Poucas pessoas sabem, mas o nome da praça homenageia um escritor fortalezense nascido em 1888, conhecido por seus ideais extremamente nacionalistas e conservadores e por ser declaradamente antissemita.

A proposta é que eu siga até o local da antiga Fábrica de Tecidos São José, observando e relatando as brechas, o que me chama a atenção para além das janelas, grades, portões e tapumes... Há muitas pessoas no entorno, mas no momento poucas usufruem do espaço da praça. Penso que isso se deve ao horário. É uma quarta-feira, são 8h30 da manhã. Vejo um senhor que faz uma caminhada, algumas pessoas na banca de revistas e outras indo em direção ao carrinho de tapioca do outro lado da rua.

Vou andando pela Av. Filomeno Gomes, e logo percebo um antigo casarão que fica na esquina com a Rua São Paulo, e que teve suas janelas tapadas com cimento antes mesmo que eu pudesse espreitar. Isso fala muito sobre as modificações que aconteceram no espaço do Jacarecanga com o passar do tempo. Se nos anos 1930 o bairro era valorizado por ser possível encomendar casas com projetos específicos como demonstração de riqueza, hoje o patrimônio arquitetônico sofre com a falta de reconhecimento.



Figura 14 – Casarão-das-janelas-tapadas-com-cimento

Fonte: Acervo pessoal

Embora no final de 2012 o Jacarecanga tenha sido considerado um bem de relevante interesse cultural pela Secretaria de Cultura de Fortaleza, não existem medidas de vigilância, fiscalização ou investimentos públicos que preservem os bens históricos da cidade como um todo. Muitas das construções antigas vêm sendo demolidas ou alteradas impiedosamente, e as áreas urbanas de valor histórico-cultural estão ficando cada dia mais degradadas, o que acaba tornando Fortaleza uma cidade sem referências arquitetônicas do passado.

No caminho que vou criando até o local indicado, vejo também uma das raras construções que ainda permanecem sem grandes alterações. Espreito o que há para além do portão da Casa da Normandia, uma casa que pertenceu ao ex-ministro Raimundo Brasil Pinheiro de Melo. Os olhos vagam. É uma casa misteriosa, onde parece morar alguém. Avisto um quintal enorme, uma porta entreaberta, paredes que descascam e uma outra cidade possível.

Atrás da casa, um edifício está sendo erguido. O Francisco Philomeno Residence terá 15 andares, vista para o mar, e esse nome que homenageia a família fundadora da fábrica de tecidos. A casa e o prédio são duas construções que contrastam entre si. A especulação imobiliária, devido ao anseio pelo progresso e pela

modernidade, é o que ocasiona, muitas vezes, a destruição do patrimônio cultural local. A substituição frenética do velho pelo novo não se apresenta só no Jacarecanga, mas em toda a cidade.



Figura 15 – Através da brecha do portão da Normandia

Fonte: Acervo pessoal

Sinto o meu caminhar mais lento que o das outras pessoas da rua, um andar descompromissado, que vai se deixando impregnar. Encontro um espaço que parecia estar abandonado, mas quando me aproximo para olhar através das brechas, percebo que existe ali uma população de gatos e diversos potes de margarina com ração. De imediato, não consigo entender o que é ali, se mora alguém ou não, ou se é de fato uma residência. A fachada da casa me parece um tanto enigmática. Um portão de ferro, como se fosse a entrada da garagem, mas o local onde era a porta foi tapado com uma parede de tijolos.

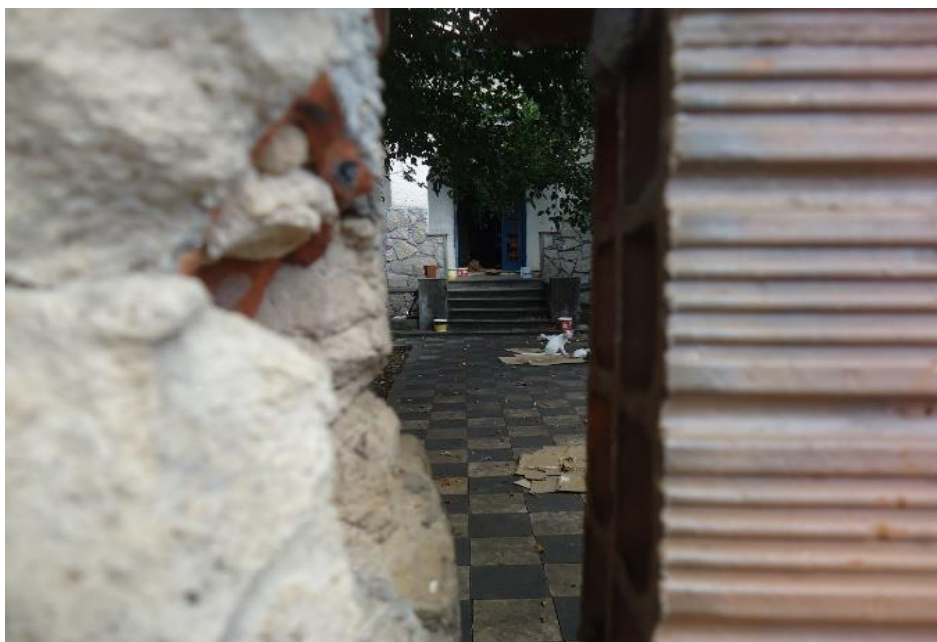


Figura 16 – Através da brecha entre os tijolos

Fonte: Acervo pessoal

Olhando melhor o muro do local, percebo o brasão da prefeitura pintado ao lado do que sobrou das letras vermelhas muito desgastadas que ali estão impressas. Resolvo perguntar a uma senhora que passa na calçada se sabe o que de fato é ou era aquele espaço, mas ela me responde dizendo que também não sabe e que acha que está abandonado, pois já faz tempo que não vê movimentação de pessoas ali. É pelo *Google Street View* que consigo retornar até 2011, ver o que estava escrito no muro e descobrir o que foi aquele lugar.



Figura 17 – Revisitação da fachada em 2011

Fonte: Google Street View

Ao nível do chão, do olhar e dos passos, já consigo avistar o local onde se situava a antiga Fábrica de Tecidos São José, um empreendimento de importância histórica que evidenciava o surgimento do foco industrial/tecnológico no Ceará. Fundada em 1926, a empresa era considerada uma das mais completas organizações industriais de Fortaleza, com máquinas modernas, área de 26 mil metros quadrados e mais de mil operários.

Observar o Centro Fashion Fortaleza é perceber que a ruína da fábrica se tornou um espaço voltado para o comércio de moda popular. A nova construção não preservou o perímetro que restava da fachada da empresa, e ergueu uma infraestrutura capaz de abrigar 4.500 boxes, 90 lojas e 36 megalojas e deixar para trás os fragmentos de história da cidade que ali estavam presentes.



Figura 18 – Ruínas da Fábrica de Tecidos São José em 2012

Fonte: Google Street View



Figura 19 – Centro Fashion Fortaleza

Fonte: Acervo pessoal

Ir até o Cemitério São João Batista e observar o nome das ruas, dos bairros, das avenidas... Coronéis, Desembargadores, prefeitos...

Ainda no Jacarecanga – nome que vem do tupi *jacaré-acanga*, e que quer dizer cabeça de jacaré. Vou da Praça Gustavo Barroso até o Cemitério São João Batista. A proposta é que durante o trajeto eu observe os nomes do bairro, das ruas e das avenidas percorridas... O percurso é curto e se faz em apenas cinco quarteirões. Vou seguindo pela Rua Guilherme Rocha, depois dobro à esquerda na Rua Padre Mororó e sigo até a entrada do cemitério localizado na frente da Rua Castro e Silva que termina na Catedral.

Observar os nomes das ruas me remete a algo que me incomoda: o fato de que a cidade sempre homenageia personalidades políticas, e que elas são majoritariamente homens. Porém, isso não acontece apenas em Fortaleza: de acordo com um levantamento feito pelo portal Gênero e Número, apenas cerca de 20% dos logradouros públicos homenageiam personalidades femininas.

A nomeação das ruas demonstra um processo que é caracterizado pelo esforço de perpetuação da memória de personagens e fatos de uma história “oficial”, baseada no culto à genealogia da nação e edificação do Estado. Essa bizarra compulsão dos políticos para se autocelebrar ou celebrar os aliados falecidos marca os espaços públicos e configura a memória social de Fortaleza.

As homenagens constituem um estreitamento de relações, digamos que um agrado, especialmente na forma como são concebidas. Não são apenas um modo de localização no espaço, mas uma tentativa de produzir ou sedimentar vínculos. Em Fortaleza, percebo que as ruas costumam homenagear homens que foram militares, políticos e empresários, como forma de agraciar as pessoas ligadas às famílias com influência e prestígio.

Basta olhar de quem são os nomes das ruas que atravessei. Guilherme Rocha, por exemplo, foi coronel da Guarda Nacional, vereador, presidente da Câmara Municipal, deputado, vice-presidente do Estado e intendente de Fortaleza, no período

de 1846 a 1928. Ele é lembrado por ter se interessado pela urbanização da cidade e feito uma grande reforma na Praça do Ferreira.

Gonçalo Inácio de Loyola Albuquerque e Mello, mais conhecido como Padre Mororó, foi sacerdote, jornalista e revolucionário. Foi também um dos expoentes do movimento político conhecido como Confederação do Equador, e é lembrado pela proclamação da República de Quixeramobim, por ter secretariado o governo de Tristão Gonçalves e dirigido o “Diário do Governo”, o primeiro jornal do Ceará.

E, por fim, Manuel do Nascimento Castro e Silva foi deputado geral, ministro do Império e presidiu a província no Rio Grande do Norte. É lembrado pelos inúmeros cargos políticos e o destaque na vida pública.

Durante o deslocamento, olho, tropeço, ando, ando e observo. As paredes do Jacarecanga descascam, o sol arde, o asfalto esquenta, chego até o cemitério. Fortaleza-cidade-labiríntica, camadas e mais camadas de tempo. Sinto-me à espreita. Caminhar no bairro requer uma posição de escuta. Outras frequências surgem quando se decide explorar o urbano através do engajamento do próprio corpo no espaço.

A entrada do Cemitério São João Batista me remete a uma cena da infância a que eu não retornava havia muito tempo: eu e minha avó indo depositar flores no túmulo da mãe dela. Flores brancas, eu e ela de mãos dadas, mas não consigo lembrar nada a respeito do túmulo. Arrisco um suposto nome e sobrenome para minha bisavó na administração do cemitério e solicito a localização. Sigo caminhando até lá.

Fica no 3º plano, lado sul, rua 43, nº 28. A organização do cemitério é semelhante à da cidade, um espaço hierarquizado que contém diferentes tipos de “habitação”, relações de vizinhança, temporalidades e tensões inerentes. Observar esse espaço me parece também uma forma de olhar para as narrativas não só da vida e da morte, mas também do espaço urbano.



Figura 20 – A rua principal do cemitério

Fonte: Acervo pessoal

Os túmulos mais famosos assim que se entra no Cemitério São João Batista: Senador Virgílio Távora, General Sampaio, Rogaciano Leite, Juvenal Galeno, Barão de Camocim... Os túmulos das personalidades fortalezenses são muito imponentes e carregam consigo um desejo de demonstrar poder. Chama a minha atenção a grande variedade de estilos: são anjos, colunas, crucifixos e esculturas que transitam desde o estilo neoclássico até o *art nouveau* e o *art déco*.

Ao se caminhar pelo São João Batista, é possível perceber o comportamento de uma época a partir da simbologia ali presente. São construções que constituem narrativas particulares e, ao mesmo tempo, muito plurais e coletivas vinculadas à religiosidade, à familiaridade, aos valores sociais.

No trajeto até o túmulo da minha bisavó, vejo uma senhora que fuma lentamente um cigarro, e ela me chama para conversar. Ela logo se apresenta como Mazé, e me conta que há dois anos o marido faleceu de um ataque cardíaco inesperado. Desde então, ela vai todas as manhãs cedinho visitar o túmulo, e sempre

se solidariza quando percebe alguns jazigos abandonados, contratando a limpeza e decorando com plantas.

Mazé vai justapondo para mim algumas de suas memórias. Fala dos amores, da opção por não ter filhos e das greves de que participou quando estudante. Me conta que cursou filosofia na UFC e até começou Teologia, mas trocou pela Psicologia quando conheceu a obra de Freud. Na escola, era conhecida como a “puta da escola normal”. Passamos um bom tempo conversando; ela foi muito divertida.



Figura 21 – Mazé

Fonte: Acervo pessoal

Sob a administração da Santa Casa de Misericórdia, o cemitério ocupa uma área de 95 mil m² e fica próximo à Catedral Metropolitana. Foi fundado em 1866, mas não é o primeiro da cidade. O pioneiro foi o Cemitério de São Casemiro, que ficava onde hoje é a Praça da Estação, porém foi fechado devido à invasão das areias do

Morro Croatá e por apresentar um grande risco de contaminação para os moradores locais depois de um surto de cólera.

Chegando no jazigo da minha bisavó, avisto a foto de todos que estão ali enterrados. Minha tataravó, meu bisavô, minha bisavó e os irmãos dela e um tio que morreu quando era criança. Deslocar-se com os olhos atentos na área do cemitério é perceber a cada passo um espaço simbólico da lembrança, onde a memória vai se enraizando no concreto, no espaço, nas imagens e nos objetos.

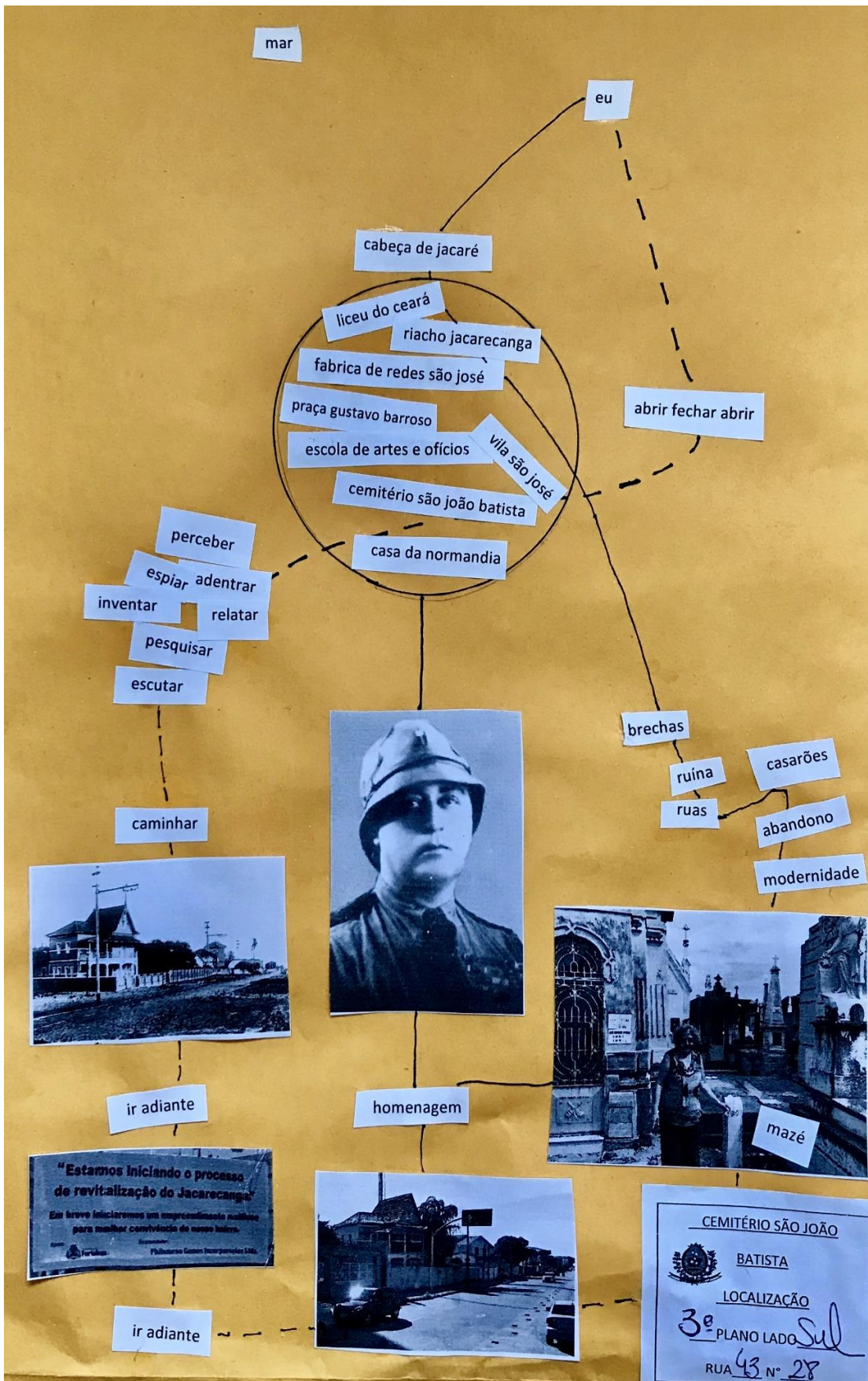


Figura 22 – Um mapa que inventa o Jacarecanga

Fonte: Acervo pessoal

4.3 Benfica

Lugares do *origami* abre-fecha-abre:

- Casa Amarela Eusélio Oliveira
- Diretório Acadêmico Tristão de Athayde (Torrinha)
- Estação Benfica (metrô)
- Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc)
- Praça da Gentilândia
- Reitoria da Universidade Federal do Ceará
- Teatro Universitário Paschoal de Carlos Magno

Assim como o Jacarecanga, o Benfica foi inicialmente desenvolvido por sua função residencial. Muitas famílias ricas e influentes de Fortaleza residiam ali em grandes mansões circundadas por áreas ajardinadas que abrigavam o moderno da época. O bairro era conhecido por abrigar o Palacete Gentil, do coronel José Gentil Alves de Carvalho.

Com a fundação da Universidade Federal do Ceará em 1956, o bairro foi reconfigurado, e, desde então, as suas histórias e memórias confundem-se com a trajetória da instituição. A educação, a cultura e o lazer são as principais características que regem a dinâmica socioespacial do Benfica. Ao se andar entre as edificações tradicionais e modernas que compõem o espaço, é possível perceber uma pluralidade de vida e um espaço acolhedor para novas ideias e expressões.

Pra mim, o Benfica é o lugar dos meus primeiros amores, das primeiras noitadas, do primeiro porre, dos primeiros cineclubes, dos carnavais, das inúmeras conversas em mesa de bar, das aulas inesquecíveis, das livrarias, dos cafés, das *performances*, das músicas, das manifestações, das peças de teatro, das palestras, dos skatistas, dos tambores do Maracatu Solar, do açaí da Gorete e das escritas em pichações, grafites, lambe-lambes, cartazes e pinturas.

Foi no Benfica que protestei contra o *impeachment* de Dilma, contra a consolidação de Michel Temer como presidente e contra a prisão de Lula. Foi no

Benfica que participei de uma vigília em homenagem à vereadora carioca Marielle Franco. Foi no Benfica que eu matei aula para ir tomar cerveja. Foi no Benfica que eu frequentei inúmeras produções culturais importantes para a diversão e extravasamento das pulsões humanas em uma das cidades que mais matam LGBTs.

Recentemente, um episódio ocorrido no bairro esvaziou as barracas de comida, os bares e as praças. Na madrugada de um sábado, ataques com pessoas armadas em três pontos diferentes do bairro deixaram sete mortos e sete feridos. A chacina ocorreu na Praça da Gentilândia, conhecida por sempre estar lotada de universitários, na Rua Joaquim Magalhães e na Vila Demétrios. Lembro de nesse dia ter sentido medo, impotência e tristeza, assim como todos os frequentadores e moradores do bairro.

Diante disso, e como forma de criar uma outra narrativa possível que resista à violência, escolho o Benfica e convido oito amigos para participar comigo da experiência de percorrer o bairro a partir do *dispositivo* inventado. Leo, Bia, Vic, Mateus, Rafa, Duda, Yuri e Yuri Peixoto. O ponto de partida combinado foi o Pitombeira Bar, localizado na Rua Padre Miguelino. O *origami* indicou para todos um local de destino, enquanto o número obtido com cada lance dos dados apontou uma ação a ser realizada durante o percurso. Começamos às 16h e marcamos o retorno para as 17h20.

Ao retornarmos, compartilhamos a experiência de percurso de cada um, conforme relatado na sequência.

Ir até o Teatro Universitário Paschoal de Carlos Magno e entrevistar alguém

Yuri

Yuri contou que teve dificuldade de abordar as pessoas durante o percurso. Sentiu que os transeuntes não tinham desejo de conversar, que se assustavam quando ele se aproximava, e preferiu não ser invasivo. No caminho, ele resolveu entrar em uma livraria. Perguntou por um livro específico, e conversou com Tiago, que trabalha no local. O jovem atendente contou que a livraria não é muito

frequentada porque as pessoas acham o bairro perigoso e também porque as grandes livrarias não deixam espaço para as menores.

Ir até a Casa Amarela Eusélio Oliveira e descobrir o que já foi ali

Léo

Assim que chegou ao local de destino, Léo foi observar se as placas de homenagem do local denotavam alguma informação sobre o que o espaço abrigava antes de ser a Casa Amarela, mas não encontrou nada que fizesse referência a isso. Ao se deparar com o busto de Eusélio Oliveira presente no local, ele se questionou o que representavam os anos 1971 e 1991, impressos no pedestal. Perguntou a algumas pessoas ao redor se alguém sabia o que havia sido ali anteriormente, mas ninguém soube informar.

As pessoas o encaminharam para um dos setores administrativos da Casa Amarela, e ali lhe mostraram um texto escrito pelo prof. Firmino Holanda, onde se lê que quando o prof. Eusélio Oliveira conseguiu instituir o Cinema de Arte Universitário (CAU), o projeto não possuía um espaço adequado, e o diretor do Centro de Geologia da UFC lhe ofereceu o casarão. Chico Célio, um dos funcionários da Casa Amarela, complementou dizendo que antes o local era um depósito de pedras do Curso de Geologia.

Léo também nos contou que foi arremetido por uma sensação de estagnação no tempo, ao entrar e percorrer os espaços da casa.

Ir até a Reitoria e escutar com atenção a conversa dos outros

Mateus

Mateus caminhou até a reitoria com um caderninho na mão, e foi anotando os diálogos que chamaram a sua atenção. Quando retornamos, ele leu para o grupo o que escutou: o diálogo de dois homens sobre outros homens, um flanelinha que perguntava se a motorista do carro ia demorar, duas amigas que falavam sobre secador de cabelo, dois guardas que conversavam sobre salário, um casal que

comentava sobre o beijo, amigos que lanchavam conversando sobre rapadura, viagens, a aparição de uma aranha caranguejeira e um assalto.

Ele falou do exercício de abrir os olhos e os ouvidos ao andar, de estar poroso ao acaso e perceber como alguém se comporta, se expressa e se relaciona a partir do que diz, como se a fala fosse uma espécie de ação em palavras.

Ir até a Torrinha e fotografar estátuas e bustos, se questionar por que estão ali

Yuri Peixoto

Para chegar até a Torrinha, no Diretório Acadêmico Tristão de Athayde, Yuri Peixoto passou pelo Bosque Moreira Campos, o único local em que encontrou e fotografou um busto. Ele comentou que sempre passou várias vezes pelo bosque, desde que entrou na faculdade, e nunca havia reparado no busto. “Quantas vezes eu não devo dar conta da presença?”, ele questionou.

Ele contou para o grupo que não conhecia Moreira Campos, mas que quando parou para pesquisar e descobriu quem era: escritor cearense, um dos mais importantes escritores do país e autor do conto *Dizem que os cães veem coisas*, que deu origem ao curta-metragem de ficção do realizador Guto Parente.



Figura 23 – Busto de Moreira Campos

Fonte: Acervo pessoal

Ir até o Bosque Moreira Campos e observar o nome das ruas, do bairro, dos viadutos...

Vic

O caminho inventado pela Vic foi maior do que o das pessoas que costumam ir do Pitombeira Bar até o Bosque Moreira Campos, e ela justificou dizendo que pretendia conferir os nomes de mais ruas. Contou que os nomes das ruas eram:

1. Senador Pompeu, em homenagem ao político cearense, professor e maçom Tomás Pompeu de Sousa Brasil.
2. Padre Miguelinho, em homenagem ao revolucionário potiguar que lutou pela independência do Brasil em Pernambuco.
3. Marechal Deodoro, em homenagem ao militar alagoano e político Manuel Deodoro da Fonseca, que foi o primeiro presidente do Brasil e uma figura central para a proclamação da República.
4. Joaquim Magalhães, em homenagem ao político paraense que foi interventor federal.

E a incomodou muito o fato de todos serem homens brancos, e apenas o Senador Pompeu ser cearense. “Quantas das ruas que compõem a nossa cidade nos representam?” – fomos questionados pela Vic. Ela disse que não se sentia representada por nenhuma das homenagens feitas nas ruas que percorreu, e resolveu nos apresentar quatro sugestões de nomes que para ela seriam bem mais representativos:

1. Violeta Arraes, a socióloga cearense, psicanalista e ativista política brasileira que foi exilada durante a ditadura militar e que colaborou com figuras como Dom Hélder Câmara e Paulo Freire.
2. Márcia Mendonça, a transexual, escultora, pianista e pintora sacra natural de Limoeiro do Norte.

3. Dandara dos Santos, a travesti moradora do bairro Conjunto Ceará, que foi espancada e executada a tiros em fevereiro de 2017, no Bom Jardim.
4. Rachel de Queiroz, a tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista e dramaturga brasileira que se destacava por escrever ficções ambientadas no Nordeste e a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Ir até a Estação Benfica e fotografar os terrenos baldios ou em construção

Ana Paula

Segui caminhando até a estação de metrô que fica próximo ao Shopping Benfica; não era um caminho longo, e eu já tinha a sensação de que não iria encontrar os terrenos baldios ou prédios em construção que procurava. De perto, realmente não encontrei nenhum em que pudesse entrar, mas ao olhar para cima, era possível avistar torres em construção nos arredores, como uma espécie de anúncio de algo por vir, de alguma coisa que parece aproximar-se.



Figura 24 – Prédios em construção vistos da Av. Carapinima

Fonte: Acervo pessoal



Figura 25 – Prédios em construção vistos da Av, da Universidade

Fonte: Acervo pessoal

Ir até a Casa Amarela Eusélio Oliveira e entrevistar alguém

Bia

Bia nos contou que adotou como estratégia de abordagem dizer que fazia parte de uma pesquisa, e entrevistou duas pessoas: uma criança, que fazia um curso de desenho na Casa Amarela, e um adulto, que trabalha na livraria em frente. As perguntas foram: “Qual é o percurso que você faz para chegar até aqui?” e “Qual a relação que você estabelece com o bairro?”.

À primeira pergunta, a criança respondeu que vai todos os dias para a Casa Amarela no carro da escola, e que sempre segue o mesmo caminho. No trajeto, ela geralmente vai pensando no que vai desenhar quando chegar no curso, ou vai conversando com os colegas. O adulto respondeu que vai todos os dias a pé até a Casa Amarela, e sempre faz o mesmo trajeto: vai caminhando pela Av. Jovita Feitosa, da Parquelândia, até chegar ao Benfica. No caminho, ele pensa nas coisas da vida e repara nas pessoas. Sente que as pessoas que caminham na rua estão cada dia mais inseguras.

À segunda pergunta, a criança respondeu que, no Benfica, ela gosta de observar as casas, prédios e edifícios, para desenhá-los, e inclusive já desenhou a Casa Amarela. O adulto disse que gosta dos prédios históricos, das avenidas largas, de assistir aos jogos de futebol no Estádio Presidente Vargas e de ir aos sábados à livraria do primo, a Arte & Ciência.

Ir até a Praça da Gentilândia e filmar 1 minuto em plano fixo

Duda

Duda gravou dois planos. Um plano fixo do movimento dos carros na Av. Treze de Maio, e um plano com a câmera fixa no corpo. Ele contou que antes de fixar o plano, observou atentamente, e verificou os arredores. Lembrou que costumava frequentar a Praça da Gentilândia para comprar chocolate na banca de revistas, e, por fim, nos mostrou os vídeos gravados. No primeiro deles, de 45 segundos, escutamos sua voz, divagando:



Figura 26 – Frame do vídeo 01

Fonte: Acervo pessoal

Fixar um plano. Fixo sou eu, o indivíduo? Ou fixo é o plano? O que seria um plano? O que seria eu? O plano está fixado a mim. Por sua vez, eu estou fixado a outro plano. Construir um plano ou fixá-lo é como construir ou traçar um universo. É sempre injusto, imaterial, coerente e incoerente. Fixar um plano: fixo sou eu ou fixo é o plano?

E no segundo, de 15 segundos, escutamos:

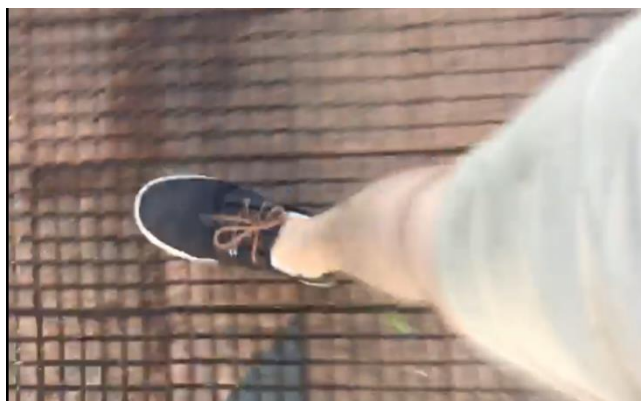


Figura 27 – Frame do vídeo 02

Fonte: Acervo pessoal

Este plano está fixado em minha perna. Este plano está fixado em minha própria perna. Este plano está fixado. Este plano está fixado em mim. Este plano está afixado. Este plano está aficcionado. Este plano...

Ir até a Reitoria e recolher algo que foi abandonado por alguém

Rafa

Rafa foi caminhando até a reitoria e recolhendo alguns objetos que encontrava pelo caminho. Ele contou da sensação que teve ao estar andando na cidade, mas olhando sempre para o chão, e sobre o estranhamento das pessoas ao redor toda vez que ele parava para recolher algo.



Figura 28 – Objetos apanhados no percurso

Fonte: Acervo pessoal

Logo que cada um narrou a ação física, política e estética presente no próprio percurso realizado, montamos juntos um mapa do bairro, como outra forma de falar das experiências vivenciadas. As variações, os encontros imprevisíveis, os movimentos, os obstáculos, a nossa subjetividade e a subjetividade dos espaços percorridos foram alguns dos elementos fundamentais da composição que fizemos.

Em nosso processo de elaboração, estávamos apoiados em uma noção de que o mapa pressupõe uma estrutura narrativa. Utilizamos desenhos, nomes, objetos, distâncias e algumas anotações, com o intuito de cruzar nossos percursos e configurar uma narrativa do espaço. Uma maneira de registrar a experiência de vivenciar determinado contexto urbano, mas também um modo de transformá-lo a partir da imaginação.

O mapa do bairro que montamos tentava criar um espaço que ao narrarmos estávamos inventando. Não havia um desejo de construção de um objeto técnico, tal como um geógrafo tradicional. Pelo contrário, imaginamos, estruturamos e articulamos uma cartografia que subvertia o mapa oficial já estabelecido, ao se basear na fabulação e na materialização das sensações vividas.



Figura 29 – Criação conjunta do mapa do bairro – 01

Fonte: Acervo pessoal



Figura 30 – Criação conjunta do mapa do bairro – 02

Fonte: Acervo pessoal

Nesse sentido, a metodologia proposta para a criação de um espaço traçava inúmeras conexões com o pensamento urbano situacionista, os mapas psicogeográficos e a ideia de construção de situações para serem vividas na cidade. Para os situacionistas, segundo Jacques (2012), só a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no cultural, poderia intervir na passividade da sociedade, na alienação da vida cotidiana, e estabelecer uma construção de cidade realmente coletiva.

A psicogeografia, criada pela Internacional Situacionista, é o estudo dos efeitos precisos do meio geográfico que, consciente ou inconscientemente, agem diretamente sobre o comportamento dos indivíduos (DEBORD, 1955 apud JACQUES, 2003). Uma busca pelo estranhamento dos fluxos pré-programados da cidade através da deriva e uma tentativa de narrar os diversos comportamentos afetivos presentes no caminho, por meio da criação de mapas.

Com o procedimento da deriva, era possível que os situacionistas se apropriassem do espaço urbano, criando um tipo distinto de escuta ou de atenção ao outro. Os inúmeros desvios, sobreposições e acontecimentos repentinos, que caracterizavam essa técnica de andar sem rumo na cidade, instigavam a uma reflexão crítica acerca dos conflitos e tensões inerentes ao espaço.

A partir da ideia de construção de situações, um “momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos” (JACQUES, 2003, p. 67), os situacionistas tentavam explorar possibilidades de participação na cidade, para transformar a vida cotidiana por meio de outra ligação entre os olhos, o corpo e o espaço.

Percebo o *origami*, os dados, os percursos, o convite aos amigos e a criação conjunta do mapa do bairro como um modo de inventar outras condições para uma experiência urbana. Algo que se relaciona diretamente com o pensamento situacionista, por utilizar o meio urbano como terreno de ação e de produção de novas formas de intervenção.

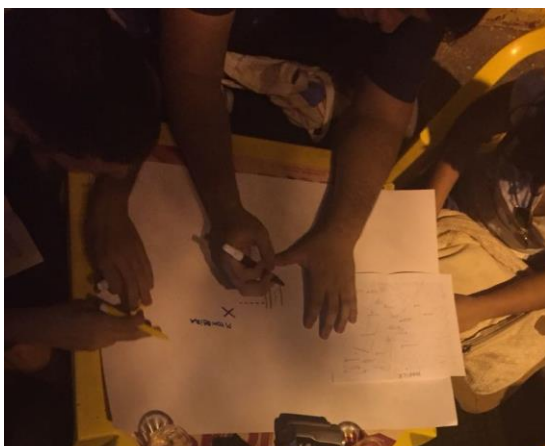


Figura 31 – Criação conjunta do mapa do bairro – 03

Fonte: Acervo pessoal



Figura 32 – Criação conjunta do mapa do bairro – 04

Fonte: Acervo pessoal

Propor o *dispositivo* inventado enquanto uma ação conjunta na cidade foi como afirmar uma abertura para o trânsito livre dos sentidos, significados e percepções. A partir das indicações, utilizamos juntos o *origami* abre-fecha-abre,

observamos o lance de dados de cada um, ouvimos sobre outros percursos traçados e criamos juntos um mapa. Velocidades distintas, forças inconstantes e aproximações repentinas fizeram parte dessa experiência.

O envolvimento do outro trouxe diversas temporalidades que impulsionavam o espaço, e movimentou uma dimensão imaginativa e política que só é possível quando estamos em ações coletivas. É pelo agrupamento de sujeitos singulares que se estabelece um campo de troca privilegiado, um lugar aberto e poroso em relação aos diálogos e conexões.

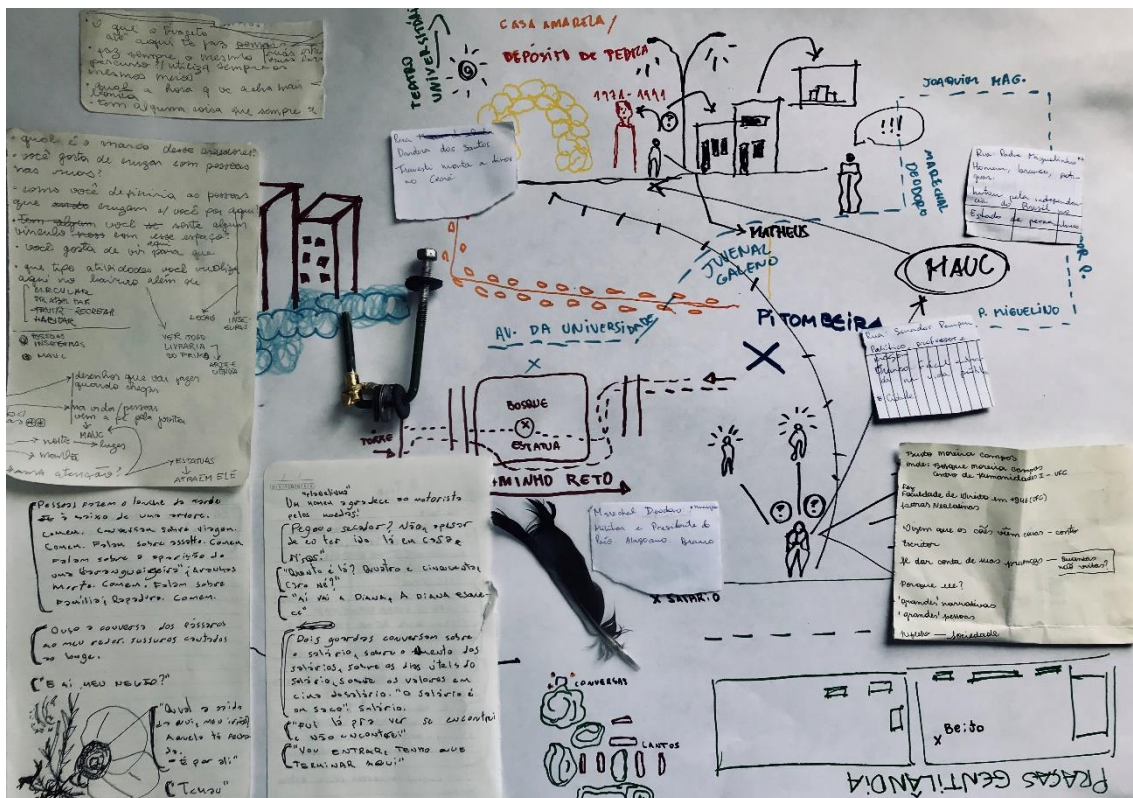


Figura 33 – Um mapa colaborativo que inventa o Benfica

Fonte: Acervo pessoal

5 PERCURSOS POR VIR

Poucas previsões antecederam o começo dessa caminhada. Os primeiros passos foram motivados por um desejo de invenção com o espaço urbano que foi sendo alimentado nos últimos anos. O caminho traçado foi se constituindo a partir das práticas e experiências. As direções escolhidas resultaram dos atravessamentos, contaminações e variações produzidos ao longo do trajeto. Um movimento que se deu pelas múltiplas possibilidades de abertura para o novo e para o acaso.

Percorri o Meireles, o Jacarecanga e o Benfica com o intuito de elaborar um modo de fazer a partir da escuta, do deixar-se impregnar. Em cada um dos bairros, os percursos traçados revelaram experiências muito singulares, capazes de revisitar, repensar e reconsiderar alguns processos em que estamos implicados ao habitar a cidade. Espiar uma brecha, observar um busto ou fotografar um prédio em construção foram alguns dos exercícios que sensibilizaram um olhar acerca das questões que movem o espaço urbano.

Ao propor um rompimento com alguns roteiros engessados, em relação ao tempo, ao espaço e à movimentação, percebi uma cidade repleta de demarcações rígidas, mas também de espaços marcados pela presença de contornos instáveis. Acompanhar um processo de criação com o espaço urbano pareceu-me uma brecha para conceber narrativas que nos desviam dos mecanismos autoritários de disciplina a que somos permanentemente submetidos.

Para falar da aventura de percorrer, de atravessar e de esbarrar com possibilidades e acontecimentos inesperados que inventam a cidade, recorri a uma ideia narrativa que chamei de textos-trajetos. Com e na escrita desses pequenos textos ancorados na experiência, foi possível reinventar a memória, perceber detalhes, traçar conexões e criar sentido para o que me acontecia diante das sensações que me atravessavam.

A produção de mapas dos bairros também surgiu como possibilidade de compartilhamento e transmissão da experiência. Desse modo, foi possível não somente elaborar uma forma de montar-desmontar-remontar o discurso político e

histórico presente no mapa oficial, como também de inventar uma geografia a partir dos olhares, escutas, rastros e ritmos.

Os primeiros percursos foram caminhadas solitárias pelas ruas do Meireles; depois fui percorrendo alguns caminhos no Jacarecanga, e segui em direção ao Benfica, onde a experiência deu-se numa espécie de ação coletiva capaz de afirmar a criação de um espaço comum. Um grupo de pessoas seguiu as indicações do *dispositivo* inventado e constituiu uma rede de forças a partir da vivência de cada um.

As conexões traçadas, os diálogos e as escutas que ocorreram no Benfica atizaram um desejo maior de imersão. Na intensidade do encontro entre sujeitos distintos, em função de uma ação no bairro, foram configuradas outras possibilidades de aproximação e distanciamento. O estar junto abriu brechas para um outro olhar e lançou um convite para que mais percursos sejam traçados como forma de reinvenção conjunta da cidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Annablume, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

JACQUES, P. B. (Org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. v. 1, p. 76-91.

_____; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013;

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

LEAL, Jocélio. Beira-mar – naquele terreno. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 2 out. 2016. Coluna Vertical, p. 15.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LIMA, Herman. **Imagens do Ceará**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, 1958.

MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. **Digitagrama – Revista Acadêmica de Cinema**, Rio de Janeiro, v. 3, jan./jun. 2005.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.